**A OBSERVAÇÃO DO PROCESSO DE FORMAÇÃO DE JOVENS INSTRUMENTISTAS CONSIDERANDO OS PRESSUPOSTOS TEÓRICOS DA MINITEORIA DA INTEGRAÇÃO ORGANNÍSMICA.**

Leandro Fernandes de Oliveira

PPGMUS – UFRN

oliveiramus@hotmail.com

**RESUMO**

Este trabalho visa compreender como se dão os processos motivacionais na formação de jovens instrumentistas no contexto da Orquestra Funffec de Cordas (OFC) na cidade de Luís Gomes/RN. Pretendemos abordar as propostas de Derci e Ryan através da sua Teoria da Integração Organísmica (Integration Organism Theory – OIT) e o seu *Continuum* da autodeterminação como bases teóricas para analisar como os jovens instrumentistas internalizam os fatores necessários para um comportamento autodeterminado (motivação intrínseca). Para este processo utilizamos entrevistas semiestruturadas e observação participante para o levantamento dos dados. Por fim, abordaremos como foi observado as etapas do *Continuum* no processo de formação dos instrumentistas da Orquestra.

**Palavras chave**: motivação, formação de instrumentistas, autodetermianção.

1. **Motivação e a formação de jovens instrumentistas: um tema recorrente.**

Esse artigo surgiu da necessidade em analisar como instrumentistas, sujeitos a condições ambientais, podem desenvolver sua autonomia e melhorar sua qualidade motivacional. Considerando a ampla importância de como as condições dos ambientes interferem e inferem diretamente na conduta dos jovens instrumentistas em formação. Para isso, consideramos a importância dos estudos e aportes teóricos sobre motivação no âmbito da pesquisa da performance e formação de jovens instrumentistas.

Os estudos sobre motivação são desenvolvidos por muitos autores, dentre eles destacamos Bzuneck e Guimarães (2007), Reeve (2006) e Deci e Ryan (2000). Tais estudos envolvem as cognições humanas e tem o objetivo de elucidar e colocar como os níveis de motivação podem, diretamente, interferir nos resultados de qualquer trabalho, em qualquer área do conhecimento humano. Segundo Araújo (2015):

A motivação vem sendo discutida em diversos contextos educacionais sob a luz das teorias sociocognitivas, humanistas e organísmicas”, buscando identificar um conjunto de determinantes ambientais, de forças internas e de incentivos que movem o indivíduo a realizar determinada tarefa.

Tais estudos assumem papel de extrema importância na prática do regente e professores de música que atuam em contextos de desigualdade social, buscando a elaboração e aplicação de estratégias que possam envolver e motivar os jovens na prática musical, criando perspectivas e assim fundando posturas que rumam ao comportamento autodeterminado. Nesta linha de pensamento, Araújo (2015) nos coloca que *“a motivação é um elemento psicológico fundamental para quem vivencia a experiência musical e, sem dúvida, o elemento que garante a qualidade do envolvimento do indivíduo nesse processo”.*

Considerando essas ideias iniciais, apresentamos, para fins dessa pesquisa, uma das teorias da motivação que tem apoiado diversos estudos em diferentes campos do conhecimento humano, trata-se da Teoria da Autodeterminação (TAD). Elaborada por Deci e Ryan (2000), essa teoria aborda a motivação autônoma e a motivação controlada. A TAD apresenta processos que consideram, desde a desmotivação (ausência de determinação) que é apresentada como “motivação extrínseca inicial” até a “motivação intrínseca” (autodeterminação). Pretendemos dar luz ao seguinte questionamento: como podemos medir e averiguar a motivação e consequentemente a autodeterminação na aprendizagem de um instrumento musical no contexto da Orquestra Funffec de Cordas?

Buscamos apresentar uma abordagem qualitativa elaborada a partir de entrevistas e da observação do ambiente que configura o projeto Orquestra Funffec de Cordas (OFC) da cidade de Luís Gomes/RN. Durante o ano (2016) foi observado o comportamento dos jovens instrumentistas que compõem o projeto, consideramos os alunos do nível básico, intermediário e avançado (nivelamento proposto pelo plano de curso de Cordas Friccionadas da Fundação Francisca Fernandes Claudino – FUNFFEC). Os elementos que configuram o ambiente de estudos da OFC objetivam moldar comportamentos e melhorar o desempenho, para isso, o projeto propicia contatos e trocas de experiências, fortalecendo o sentimento de progressão e satisfação com o estudo de um instrumento musical.

1. **A motivação como mediadora do método?**

A palavra motivação é usada de forma simples em diversas situações do dia a dia, trata-se de uma palavra que aparece em diferentes situações e que está diretamente ligada ao comportamento, direcionamento e estado de espírito. Para Araújo (2015) o termo ganha diversas conotações com significado complexo e multifacetado, propiciando múltiplas perspectivas de pesquisas. Ainda de acordo com Araújo (2015, p.18) “*a compreensão dos fatores motivacionais no campo da educação estão diretamente relacionados com o entendimento de como os indivíduos se posicionam diante do processo ensino-aprendizagem”*.

Pensar nos processos que evocam a vontade de aprender um instrumento musical nos leva a refletir como as interações observadas a partir da organização do ambiente de aprendizagem contribuem para a fluidez do comportamento autodeterminado. Para isso, lançamos um olhar sobre a motivação como meio válido para averiguação de fatores pertinentes a prática, pois *no estudo da música, portanto, elementos de ordem intrínseca ou extrínseca (como fatores ambientais) são colaborativos no processo da prática, ensino e aprendizagem musical.* (Araújo, 2005, p.47).

Tais abordagens ganham força nos ambientes de aprendizagem por considerar as teorias cognitivas e sociocognitivas. Pesquisas recentes apontam que os problemas de desmotivação tem impactado no desempenho de indivíduos em relação às atividades nas quais participam. Essa situação tem trazido preocupação independentemente da área de estudo, encorajando professores e especialistas a buscarem *“instrumentos de verificação e também testes para medir evidências de validades, colocando à prova tais instrumentos e seus respectivos resultados”* (Araújo, 2015, p.17).

Nas relações de ensino aprendizagem musical, muitos fatores externos e ambientes são considerados mas, independentemente da realidade estudada, sempre haverá a relação aluno, professor e ambiente, desta forma, de acordo com Araújo:

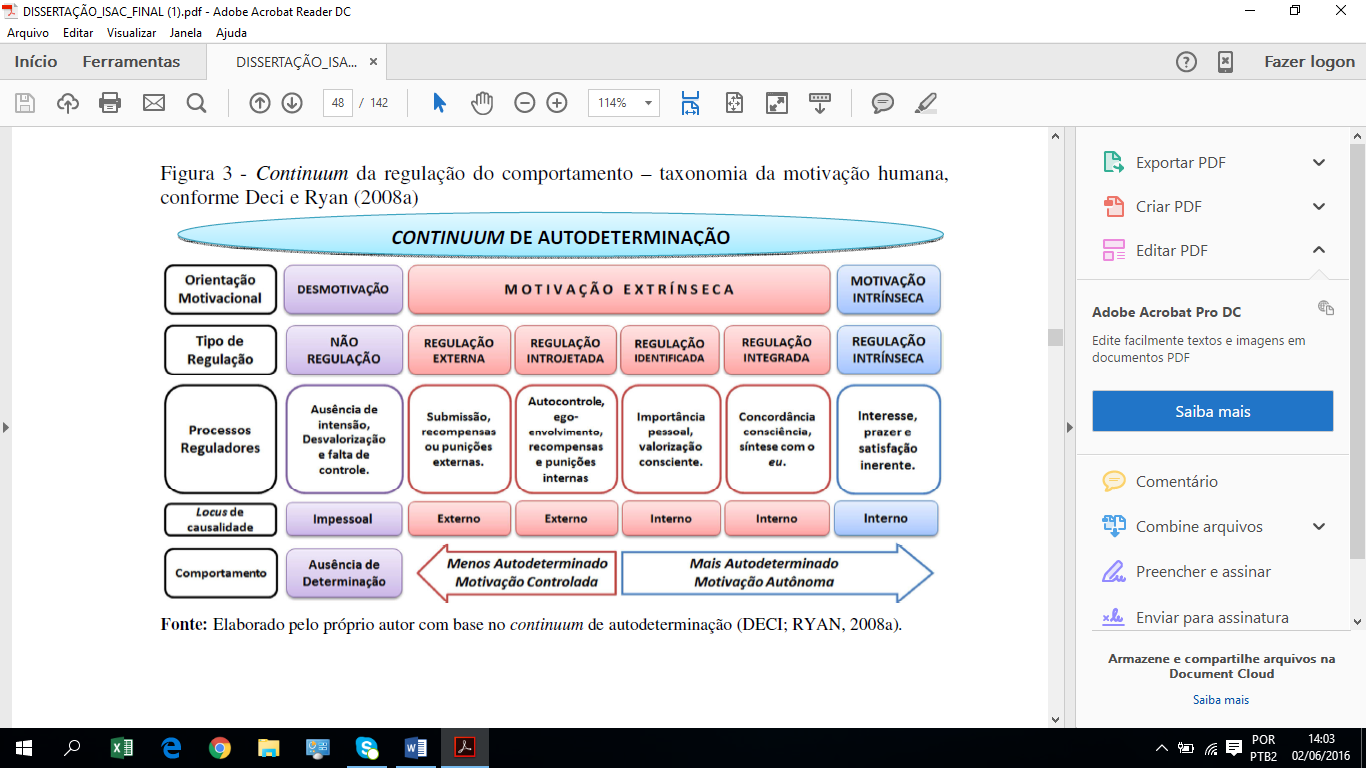
Sob esse enfoque cognitivista da motivação, podemos entender que a prática, o ensino e aprendizagem musical são atividades conduzidas por meio de fatores emocionais, cognitivos e subjetivos, bem como são influenciadas pelas situações e condições do contexto social. (2015, p.47)

A ausência de motivação no processo de aprendizagem de um instrumento musical deve ser colocada, no nosso contexto de investigação, no foco das atenções, uma vez que a ausência de determinação pode apresentar sérios prejuízos ao processo de formação de um grupo orquestral considerando que nenhum instrumentista é visto como fator isolado da prática conjunta. No entanto, obstáculos e situações de fracasso são indicadores importantes para a medição dos níveis de motivação. Segundo Guimarães e Boruchovitch (2004), o aluno motivado mostra-se ativamente envolvido no processo de aprendizagem, enquanto o aluno desmotivado apresenta uma queda de seu investimento pessoal e de qualidade nas atividades de aprendizagem. A partir dessa ideia, consideramos o tamanho da relevância em observar como se dão os fatores motivacionais para assim viabilizar o alcance de índices qualitativos na performance instrumental e em conjunto.

Baseados nas considerações até aqui desenvolvidas buscamos, nos pressupostos teóricos da Miniteoria da Integração Organísmica, respostas pertinentes à qualidade da motivação na formação de jovens instrumentistas da Orquestra Funffec de Cordas.

A Teoria da Integração Organísmica (Organism Integracion Theory) trata-se de uma miniteoria que faz parte da Teoria da Autodeterminação (TAD) elaborada por Richard Ryan e Edward Deci na década de 1970. Essa miniteoria considera vários níveis de motivação extrínseca. Nela, se postulou a condição de observar a internalização de fatores externos e como esses fatores (uma vez internalizados) propiciam um bem estar ao indivíduo além da satisfação psicológica a respeito de determinada atividade, ou seja, quanto mais se internalizar os fatores externos mais se desenvolve os níveis de motivação extrínseca, ocasionando ao indivíduo alcançar a motivação intrínseca. Estes fatores externos podem ser apresentados como influencias do ambiente, regras institucionais, convívio social e suas normas pré-estabelecidas onde todo esse processo de internalização acontece de forma livre e voluntária.

A OIT considera o *Continuum* da Autodertermianção como ferramenta de classificação das diferentes etapas da motivação extrínseca, o *Continuum* da Internalização (como também é chamado) coloca a desmotivação (primeiro nível do *Continuum*) e a motivação (forma mais determinada de motivação intrínseca) em lados opostos. O *Continuum* se desenvolve apresentando todos os processos que ocorrem e que sofreram influencias do ambiente como também das relações e fatores externos. Usaremos a seguir uma tabela construída por Araújo (2015). Nesta tabela podemos observar o *Continuum* da Autoderminação como um processo gradual:

 Fonte: elaborada por Araújo (2015) com base no *Continuum* da Autodeterminação (DECI; RYAN, 2008ª).

1. **A OIT e a consideração de seus pressupostos teóricos no ambiente de aprendizagem de instrumentos.**

Como foi exposto no *Continuun* da autodeterminação representado na figura 1, a OIT aborda diferentes etapas da motivação extrínseca. Essas etapas apresentam diferentes regulações que são internalizadas pelo indivíduo conduzindo-o desde a desmotivação até a motivação intrínseca. Faremos agora uma associação entre o *Continuum* da Determinação e os resultados colhidos através das entrevistas e da observação do contexto da Orquestra de Cordas de Luís Gomes. Considera-se como o ambiente influiu para a formulação das posturas constatadas e a apresentação dos diferentes tipos de motivação até a autodeterminação.

* 1. **Desmotivação**

O primeiro estágio (desmotivação) pode ser ilustrado com as poucas condições de desenvolvimento de uma orquestra jovem no contexto da cidade de Luís Gomes/RN¹. Tal realidade apresenta, dentre outras, a ausência de escolas formais de música, de salas de concertos e/ou teatros, além da baixa valorização da profissão de músico estabelecida pela baixa perspectiva mercado cultural local. Nessa etapa encontra-se questionamentos sobre a validade de uma orquestra e de sua importância artística e de formação. Os alunos que adentram o projeto não tem noção clara do que será feito ou vivenciado, outros já apresentam exposição a fatores externos que o motivam a iniciar o estudo do instrumento:

*\_“Eu não sei o que é viola, meu pai diz que é um negócio que passa na televisão e que toca no colo”.* (entrevista 1).

*\_“Se for pra tocar aquelas músicas chatas e de velho eu não fico”*. (entrevista 6).

*\_“estou aqui por que vi uns vídeos legais de violoncelo e quero fazer parecido*”. (entrevista 10).

* 1. **Motivação extrínseca por regulação externa**

Nesta etapa podemos observar indivíduos que, com fraco desempenho e comportamento, acabam produzindo um baixo rendimento na aprendizagem do instrumento. Aqui, sua preocupação principal é de sofrer sansões ou punições por não realizar o estudo adequado do instrumento ou das tarefas decorrentes. Tais punições podem ser apresentadas pela situação de controle dos pais que obrigam seus filhos a aprenderem um instrumento musical:

*\_“minha mãe fica me pedindo pra praticar mas eu não tenho vontade”*. (entrevista nº3)

*\_“eu queria tocar que nem a Patrícia, mas dá preguiça, é muito difícil”* (entrevista nº3)

*\_“a apresentação da escola é na segunda e eu não consegui aprender a música, acho que não sirvo pra isso”*. (entrevista nº 13)

* 1. **Motivação extrínseca por regulação introjetada**

Neste estágio ainda não temos o grau de internalização suficiente para ocasionar a autodeterminação. Aqui, o jovem instrumentista apresenta um comportamento pouco autônomo onde o fato de não realizar tal tarefa ou estudo pode representar constrangimento frente aos outro, trazendo vergonha por não ter agido de acordo com as regras do ambiente. Encontra-se nessa etapa o desejo de tocar um instrumento musical e ser elogiado ou reconhecido por isso, logrando êxito naquilo que já esperam que se faça.

*\_“toquei na apresentação da escola e meus colegas gostaram, mas acho que posso tocar melhor”.* (entrevista nº 7)

*\_“Eu faltei a alguns ensaios por que não consegui praticar em casa, daí fico com vergonha se o povo da orquestra me ver ensaiando sem saber tocar”.* (entrevista nº 7)

*\_“eu acho que devo sair da orquestra, acho que não estou conseguindo acompanhar”*. (entrevista nº 15)

* 1. **Motivação extrínseca por regulação identificada**

Aqui já conseguimos notar uma forma autônoma de motivação extrínseca. Nesta etapa o instrumentista já aceita a importância do estudo do instrumento e se engaja na atividade pois

a considera útil para as suas práticas pessoais. Esse comportamento valoriza as ações em virtude das consequências.

*\_“acho que todos devemos nos concentrar melhor no trabalho do repertório, a orquestra tem que tocar bem, levamos o nome da nossa cidade”.* (Entrevista nº 19)

*\_“eu me sinto muito bem tocando esse concerto, sinto que estou evoluindo bem”.* (Entrevista nº 23)

* 1. **Motivação extrínseca por regulação integrada**

Chegamos agora ao nível mais elevado da autodeterminação da motivação extrínseca. Nesta etapa o jovem instrumentista já apresenta um comportamento autodeterminado e extrinsecamente motivado. Aqui ele internalizou todos os valores e normatizou suas práticas na busca de uma satisfação psicológica de suas ações. Na regulação integrada acontece a extrema satisfação da prática do instrumento considerando o seu real valor e grau de satisfação, onde se considera que tocar um instrumento ou participar da orquestra é um privilégio:

*\_“Hoje, pra mim, a orquestra é uma casa. Aqui me sinto bem fazendo música com meus colegas”.* (Entrevista nº 29)

*\_“Tenho um imenso orgulho de participar da orquestra, poder viajar e mostrar nossa arte é tudo pra mim”.* (Entrevista nº 29)

*\_“Onde chegamos somos bem recebidos, agradamos ao público. A melhor coisa é ver as pessoas nos aplaudindo de pé e depois pedindo “bis”.* (Entrevista nº 26)

* 1. **Motivação intrínseca**

Nesta última etapa alcançamos o nível máximo de motivação autodeterminada. Aqui o jovem instrumentista já reconhece o valor da atividade e alcança a liberdade interna e psicológica. Até essa etapa influímos algumas questões no ambiente tornando-o mais motivador. Dentre essas questões estão a criação de um ambiente saudável com boa estrutura física, salas de aula com recursos que permitem melhor proveito do estudo e esforços; elaboração de arranjos e composições musicais que considerem o nível técnico dos jovens instrumentistas e os levem à sensação de pertencimento a orquestra; Elaboração de calendário de concertos e recitais abertos à comunidade para que sejam evidenciadas as competências adquiridas pela prática musical; Atividades regulares de apreciação musical onde os jovens tomam contato com a literatura e aprendem a valorizar os diferentes contextos de produção artística; Contato com alunos e professores dos centros acadêmicos de formação e escolas formais de música a fim de propiciar a troca de experiências.

*\_“No dia que não consigo estudar eu me sinto mal, é como deixar de escovar os dentes (risos). Não me imagino um dia sequer sem o violoncelo”.* (Entrevista nº 16)

*\_“Hoje eu não me imagino fazendo outra coisa, quero seguir na profissão, quero viver disso”.* (Entrevista nº 22)

*\_“A orquestra é uma família pra mim, considero todos como se fossem irmãos, vou levar essa experiência pra toda vida”.* (Entrevista nº 20)

*\_“Amo o repertório da orquestra, acredito que é a nossa expressão cultural e que devemos e temos a obrigação de divulgar”.* (Entrevista nº 19)

*\_“Vou ser eternamente grato a tudo que aprendi na orquestra, são lições e ensinamentos muito valiosos”.* (Entrevista nº 19)

1. **Conclusão**

Entender como os processos que constroem um contexto e como o indivíduo responde a esses estímulos assume importância vital para a elaboração de estratégias que possam fornecer melhores condições de aprendizagem e desenvolvimento técnico e humano. A constatação dos sucessos e fracassos no desempenho de jovens instrumentistas são portas para a elucidação de problemas e a criação de meios e ferramentas que possam ajudar a melhorar o comportamento e consequentemente o desempenho, melhorando assim a contribuição para o caminhar consistente e harmonioso da prática musical, pois como nos diz Araújo (2015):

O envolvimento com a música e com outras artes em geral é considerado, em senso comum, sempre prazeroso, agradável e de forte caráter intrínseco. No entanto, essa ideia, obviamente, não é sempre uma premissa. Estudar, ensinar música, bem como praticar um instrumento musical são atos que envolvem empenho e motivação, isto é, objetivos claros, dedicação e vontade. (2015, p. 53).

Pensar como se dá o processo motivacional pode apresentar subsídios na elaboração de estratégias que possam facilitar a adaptação ao ambiente de maneira a propiciar o afloramento de capacidades antes adormecidas. A leitura do comportamento baseado nos diferentes estágios do *Continuum* da Autodetermianação assumem representatividade no contexto da Orquestra Funffec de Cordas, tendo como base as considerações e as informações colhidas neste processo de investigação. Hoje apresentamos um grupo onde a autodeterminação perpassa a questão do simples fazer artístico e alcança o estágio do fazer autônomo e psicologicamente satisfatório.

**Referências Bibliográficas**

ARAÚJO, Isac Rufino de. **A motivação de licenciados em música sob a perspectiva da teoria da autodeterminação.** Dissertação (Mestrado em Educação Musical)-Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.

RYAN, R. M.; DECI, E. L. **Self-determination theory and the facilitation of intrinsic motivation, social development, and well-being.** American Psychologist, Washington, v.55, n. 1, pp. 68-78, 2000a

GUIMARÃES, S. E. R.; BORUCHOVITCH, E. **O estilo motivacional do professor e a motivação intrínseca dos estudantes: uma perspectiva da teoria da autodeterminação***.*Psicologia: Reflexão e Crítica, Porto Alegre, v. 17, n. 2, pp. 143-150, 2004.